

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

Journal do Comércio

Class.:

Data:

27.11.91

Pg.:

**Funai quer
desocupar
área carajá**

BRASÍLIA — O presidente da Funai, Sidney Possuelo, abre hoje em Goiânia a primeira reunião do grupo de trabalho encarregado de resolver a questão fundiária da Ilha do Bananal e elaborar um plano de desocupação da reserva indígena legalmente destinada, desde 1959, aos índios das nações Carajá e Javaé. O grupo interinstitucional discutirá os problemas da ilha até o final da tarde de amanhã com representantes de vários órgãos e entidades dos estados de Mato Grosso, Goiás e Tocantins, além de lideranças comunitárias da ilha e de fora dela.

De acordo com o superintendente regional da Funai em Goiânia, Amilton Gerônimo Figueiredo, promotor do encontro, a situação na Ilha do Bananal, hoje, é preocupante, porque os fazendeiros e criadores de gado usam as pastagens invadindo a reserva indígena e degradando o meio ambiente e a cultura dos carajás e javaés. A reunião acontecerá no Hotel Umuarama, no centro de Goiânia, e terá as presenças do governador Iris Rezende, do presidente da Fundação Natureza de Tocantins, Maurício Garcia Dutra — que representará o governador Moisés Avelino — o procurador da República em Goiás, Francisco Moreira Camargo, de onze lideranças indígenas e representantes da Associação de Moradores da Ilha.

Segundo levantamento feito pela Funai em 1989, dos 2,3 milhões de hectares da ilha, 1,6 milhão de hectares já estão completamente cercados e loteados num total de 1331 propriedades particulares. A própria Coordenadoria de Patrimônio Indígena da Funai ouviu dos fazendeiros ou seus empregados que cerca de 100 mil animais — entre bovinos, eqüinos e suínos — são criados nos chamados “retiros” ou fazendas. Técnicos do órgão garantem que 12 mil pessoas não-índias disputam, hoje, as terras que pertencem aos 1.755 índios.

A ocupação inicial destas áreas aconteceu há quase 40 anos, quando pequenos criadores de gado de regiões do norte de Goiás insatisfeitos com as pastagens levavam o rebanho durante a seca para a ilha, entrando pelo leste. Os pastos eram gratuitos e isso estimulava cada vez mais os “retireiros”, que, com o passar dos anos, preferiram ali se fixar. As cercas de arame farpado apareceram e os índios ficaram limitados a pequenas áreas. O gado levou a brucelose e outras doenças, e, além disso, nem todos os fazendeiros optaram por levar o gado pela pastagem natural.